

Inovação Tecnológica e Economia Solidária: Reflexões acerca do Método como Tecnologia Social

Lilian Cristina Gonzaga (ufop) - liliancgonzaga@gmail.com

Amanda Maria Silva Gonçalves (UFOP) - amandaa292@gmail.com

Resumo:

Baseando-se nas dificuldades enfrentadas em campo, oriundas de uma experiência em projetos de extensão que abordam a economia solidária, onde a implantação efetiva dessa “nova economia” passou por alguns impasses, a proposta deste resumo ampliado é a reflexão acerca da possibilidade da criação de uma metodologia crítica com base nos escritos de Paulo Freire, em especial em sua obra “Ação cultural para a liberdade e outros escritos”. Vislumbrando a metodologia como uma alternativa para o aumento da efetividade da implantação dos projetos de economia solidária e frente à ideia de utilizar os dizeres do Paulo Freire como um guia, convida-se a comunidade acadêmica para esta reflexão: “A estruturação científica de uma metodologia social crítica para projetos que abordam a Economia Solidária baseada em Paulo Freire e seus escritos, tornaria a inserção de projetos de extensão mais efetiva e possibilitaria a criação de uma tecnologia social?”.

Palavras-chave: *Economia Solidária; Paulo Freire; Tecnologia Social; Método; Inovação Tecnológica.*

Área temática: *GT-18 Trabalho Autogestionário, Economia Popular Solidária e Educação: Processos Organizacionais e Protagonismos, em busca de Cidadania e Reconhecimento*

Contextualização

A Economia Solidária surge como uma das alternativas às disfunções do capitalismo. As pessoas excluídas do mercado de trabalho formal buscam, por meio dessa “nova economia”, formas de se tornarem emancipadas e empoderadas. Tal alternativa pode ser vista em diversas iniciativas fomentadas tanto por Instituições de Ensino Superior, quanto por órgãos públicos. Os exemplos mais comuns da organicidade dessa teoria são associações e cooperativas, que possibilitam aos participantes a geração de renda e trabalho. Essas iniciativas permitem que as pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade econômica possam transformar suas condições de vida, tornando-se atuantes e capazes de proverem o próprio sustento, sendo donos de suas ideias e compartilhando a gestão da organização, em teoria.

A reflexão proposta nesse trabalho é produto de uma experiência em organizações de cunho social, no distrito de Antônio Pereira, pertencente ao município de Ouro Preto, Minas Gerais. Há no distrito três associações que têm tentado atingir a implantação integral da Economia Solidária. A análise *in loco*, com abordagem de multi-casos, nos proporcionou elementos para a reflexão sobre o desenvolvimento de uma metodologia crítica, baseada em Paulo Freire. A situação econômica do distrito é insuficiente ao tratar-se das necessidades de geração de renda da comunidade. Para tentar amenizar tal situação, uma Instituição de Ensino Superior atua nesse distrito com projetos de extensão, que têm a Economia Solidária como eixo, com o propósito da geração de renda, do empoderamento político, social e empreendedor da população.

Impasses foram encontrados durante a execução dos projetos, à medida que os trabalhos no tocante à Economia Solidária foram sendo implantados, pontos importantes como a dificuldade de alinhamento estratégico entre os participantes em relação ao comprometimento com a associação e o espírito de equipe, solidariedade e cooperativismo também não se faziam presentes. Tais problemas custam caro aos projetos de Economia Solidária, pois ela não busca apenas o desenvolvimento gerencial das associações, mas, principalmente o emponderamento social, econômico e político do público envolvido. O grande desafio dos projetos que perpassam a Economia Solidária é conseguir desenvolver o comprometimento em seus participantes, pois é isso que dará o alicerce para essa “nova economia”.

A experiência e a prática nos projetos em que a Economia Solidária se faz presente indica-nos que o empoderamento é um fator de maior impacto do que a questão administrativa, quando se busca o sucesso de sua implantação. Os estudos sobre a autogestão tratam, na sua maioria, sobre aspectos relacionados à organização econômica e administrativa dessas empresas, muitas vezes desconsiderando o aspecto humano, ou considerando-o a partir de pressupostos característicos da análise de organizações heterogestionárias, como a análise dos recursos humanos a serem administrados por um especialista (CARVALHO; PIRES, 2001, p.179). Portanto, com a intenção de ajudar na obtenção de maiores taxas de sucesso na implantação desses projetos, propõe-se nesse trabalho uma reflexão sobre o possível desenvolvimento de uma metodologia crítica para projetos que envolvem a Economia Solidária. Para direcionar essa reflexão, será considerado o trabalho de Paulo Freire (1981), em especial a sua obra “Ação cultural para a liberdade e outros escritos”. Essa escolha foi feita devida a excelência de seu trabalho em relação à metodologia eficaz de educação de adultos, com caráter crítico e emancipatório. Então, percebeu-se a possibilidade em adaptar as ideias presentes no trabalho do Freire para a Economia Solidária e assim pensar na probabilidade de uma metodologia crítica para projetos de Economia Solidária.

Além do Freire, utilizaremos as tecnologias sociais. A análise *in loco*, com abordagem de multi-casos, nos proporcionou elementos para a reflexão sobre o desenvolvimento de uma metodologia crítica como tecnologia social e a sua viabilidade. A inovação tecnológica passa pelo desenho e esquematização de métodos eficazes e eficientes, buscando o sucesso de seus negócios. A proposta é a reflexão da possibilidade da estrutura científica de um método crítico de implantação de projetos de economia solidária baseado em Paulo Freire contribui para a melhoria da implantação de projetos de economia solidária abre caminho para a discussão, também, sobre as tecnologias sociais, campo ainda muito pouco explorado pelas ciências sociais aplicadas. Espera-se contribuir ao desenvolvimento científico do campo.

Economia Solidária

A Economia Solidária surge como uma alternativa ao modelo capitalista, apresentando premissas diferentes do sistema vigente. Segundo Singer (2004), o desenvolvimento capitalista é o desenvolvimento ocorrido sob a égide do grande capital e modelados pelos valores do livre funcionamento dos mercados, das virtudes de competição, da individualidade e do Estado mínimo. O desenvolvimento solidário é o desenvolvimento realizado por comunidades de pequenas organizações associadas ou de cooperativas de trabalhadores, federadas em complexos, guiado pelos valores da cooperação e ajuda mútua entre pessoas ou organizações, mesmo quando competem entre si nos mesmos mercados.

A economia solidária, não vem se opor ao desenvolvimento que por sua vez faz a humanidade progredir. O seu propósito é tornar o desenvolvimento mais justo, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igual e menos casual (SINGER, 2004, p. 11). Ou seja, (...) está bastante claro que a economia solidária não atua em um campo fora do capitalismo e do mercado formal, mas, ao contrário, busca dentro da realidade existente formas de alternativas de desenvolvimento econômico baseado em valores mais humanos, na busca da autonomia dos grupos que a praticam, em práticas sociais e ambientais sustentáveis (MENDONÇA; RUAS; COSTA, 2012, p. 204).

Sendo assim, a Economia Solidária é uma alternativa a forma de produção do capitalismo, que viabiliza aos participantes a oportunidade de trabalharem sob a ótica da autogestão, democracia, participação, cooperação no trabalho e distribuição igualitária dos resultados. Mas para que isso ocorra, uma orientação adequada em relação aos seus pressupostos precisam ser feitas. Por isso, acredita-se que bons métodos que englobam a implantação da Economia Solidária poderão simplificar a inserção dos projetos dentro das comunidades.

O método é considerado um direcionador para atividades, sejam elas práticas ou teóricas, e ele perpassa por todas as áreas do conhecimento: ciências exatas, biológicas ou humanas, ajudando trabalhos e pesquisas a chegarem a um resultado final. E é isso que acredita-se conseguir com a utilização de um método adequado na inserção da Economia Solidária dentro das comunidades, alcançar o resultado de eficiência e funcionalidade dos objetivos dessa “nova economia”.

Inovação Tecnológica: Tecnologia Social

Normalmente, tecnologia é associada a algum instrumento da ciência exata ou biológica, como aplicativos de computadores, celulares entre outros. Porém, surge uma nova ideia de

tecnologia, denominada tecnologia social, algo recente, mas que aos poucos vem conquistando seu espaço.

Ao adjetivar a tecnologia, estamos dizendo que ela pode não ser social, indicando que a tecnologia não é neutra. Questionando a visão tradicional de tecnologia e suas consequências contraditórias, em muitos casos desastrosos em termo de efeitos destruidores para a maioria da população e para o planeta como um todo, surge o movimento por uma tecnologia social (TS) (ADAMS et al, 2011, p.19).

Adams et al (2011) dizem que na maioria das vezes, tecnologia é algo associado à ciências exatas e a produtos tecnológicos. A relação direta entre tecnologia e ciências humanas é algo muito recente, as quais se entendiam apenas usuárias das tecnologias criadas por outras áreas, como engenharia, matemática, etc. A partir dessa constatação, procura-se desenvolver a compreensão das Tecnologias Sociais que fossem além de instrumentos materiais ou tecnológicos. Os autores falam que os próprios conhecimentos, saberes populares aplicados de modo consciente e crítico, com uma finalidade de buscar soluções aos problemas sociais enfrentados no cotidiano e de promover a emancipação social, podem ser compreendidos como tecnologia social. A tecnologia social será a ferramenta utilizada para alcançar o objetivo que se quer com o método, que é a melhor implantação dos pressupostos da Economia Solidária em uma comunidade. A tecnologia social é uma fonte de inovação tecnológica que irá trazer ao campo da Economia Solidária possibilidades de crescimento de sua ideia.

Como dito anteriormente, além do Freire, utilizaremos as tecnologias sociais, pois a reflexão sobre a possível estrutura científica de um método crítico de implantação de projetos de Economia Solidária baseado em Paulo Freire contribui para a melhoria da implantação desses projetos e abre caminho para a discussão, também, sobre as tecnologias sociais, campo ainda muito pouco explorado pelas ciências sociais aplicadas. Espera-se contribuir ao desenvolvimento científico do campo.

Paulo Freire: A Pedagogia Crítica como Método

Freire era filósofo e foi um dos grandes teóricos da educação e da pedagogia crítica e, autor de várias obras, alguns exemplos são *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (1981) e *Pedagogia da esperança* (1992). A pedagogia freireana é síntese da teorização implícita na prática de Educação Popular. Ela traz a consideração do conhecimento como possibilidade de superação de relações verticais contraditórias e de modelos mecanicistas de análise da realidade social e implantação de novas propostas que indiquem esperança e a necessidade de mudança (MACIEL, K. F. 2001, p. 337).

Ao escolher o Paulo Freire, focamos em sua obra “Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos”, visto que nela levanta-se a questão do método utilizado para a educação popular. Tal obra trata-se da reunião de alguns textos escritos por Freire entre 1968 e 1974, com o objetivo de suscitar discussões e reflexões sobre a educação crítica. Freire (1981) era contrário à educação bancária, como denominado por ele, e era defensor da pedagogia transformadora, baseando o processo educacional na realidade e necessidades dos envolvidos, com várias formas de ensino.

A proposta educacional de Freire tem seu maior escopo na ordem política, objetivando erradicar a opressão, incitar a consciência crítica e humanizar o processo de alfabetização. O

autor exemplifica tal situação, em uma relação entre a reforma agrária e o trabalho, criticando o processo e a percepção dos campestres quanto ao processo da reforma agrária. Somente a mudança da posse da terra não é uma alteração real, não é uma alteração efetiva na relação oprimido-opressor. Os campestres são obrigados a receber conhecimento técnico, não que isso seja uma coisa ruim, mas os conhecimentos e experiências já adquiridos por eles não são levados em conta, o que faz com que aconteça uma ação cultural ligada diretamente e apenas ao trabalho, visto que poderia tornar-se algo de extrema modificação da relação entre o homem e a realidade.

O conteúdo da obra de Freire “Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos” (1981) traz a tona questões que se assemelham às dificuldades percebidas durante a experiência no projeto de extensão em relação à educação dos adultos, por isso reflete-se se o desenvolvimento de uma metodologia crítica para projetos de Economia Solidária teriam condições de promover além do estabelecimento das premissas gerenciais, a emancipação do sujeito e seu senso crítico.

Reflexões sobre o método

Para fins compreensivos, explicitaremos de forma breve a experiência empírica vivida que antecede, motiva e sustenta este trabalho.

A experiência *in loco* ocorreu no distrito de Antônio Pereira, pertencente ao município de Ouro Preto, Minas Gerais. Nessa comunidade um programa de extensão era desenvolvido por uma Instituição de Ensino Superior, que oferecia capacitações voltadas para pessoas de baixa renda. Durante este projeto utilizou-se como metodologia aulas expositivas participativas, além de minicursos e assessorias. Nas aulas expositivas, os conteúdos abrangeram os cursos de “Capacitação em Vendas”, “Pós-venda e Plano de Marketing”, “Noções de Contabilidade”, “Noções de Associativismo” e “Cooperativismo”, entre outros. Esses cursos eram dados quinzenalmente aos sábados por docentes integrantes do projeto. As três associações participavam desses encontros e o conteúdo ministrado buscava ser o mais simplificado possível devido ao baixo nível de escolaridade dos participantes. Após o curso, os bolsistas deslocavam-se semanalmente a cada uma das associações para desenvolverem atividades a respeito dos cursos que foram dados pelos docentes e para sanarem as dúvidas dos participantes.

Eram três as associações participantes, a primeira associação era constituída por dez participantes e tinha como atividade principal a atuação no setor da facção, mas também atuava em atividades de confecção. A segunda associação contava com vinte e oito participantes e trabalhava com artesanatos, peças de cama, mesa e banho. E a terceira associação era composta por onze participantes que produziam e comercializavam produtos de limpeza como desinfetantes, sabão em barra, água sanitária, detergentes, entre outros.

A metodologia utilizada para a implantação desse projeto na comunidade era baseada em aulas expositivas participativas, além de minicursos e assessorias. Após as aulas ou cursos, os bolsistas deslocavam-se semanalmente a cada uma das associações para desenvolverem atividades a respeito dos cursos que foram dados pelos docentes e para sanarem as dúvidas dos participantes.

Em todo o projeto, procurou-se reafirmar as características da Economia Solidária, para que o grupo pudesse internalizar esses traços, que são de extrema importância para o funcionamento

adequado e sustentação da associação, como a participação efetiva, a colaboração mútua e o sentimento de solidariedade para com os membros e para com a associação. Porém, alguns problemas foram detectados durante seu processo, como uma gestão individualista e menos participativa e pouco envolvimento dos membros com a associação.

Toda essa situação nos fez questionar sobre o que estaria sendo feito de modo errôneo, se as ações do projeto de extensão se alinhavam às características da Economia Solidária e se o método utilizado pelos bolsistas e docentes integrantes do projeto estava de acordo com o contexto social inserido. Tal questionamento nos fez imergir em uma ideia de melhora da implantação de projetos que, como esse, possuem a Economia Solidária como principal viés, tendo como base, os dizeres do educador Paulo Freire, em especial em sua obra “Ação Cultural para a liberdade e outros escritos” para a criação de um método que pudesse superar tais problemas e cooperar para a efetiva implantação dos projetos.

Freire (1981) não baseava seus métodos de ensino em uma forma engessada, um modelo único e fechado, mas avaliava as necessidades dos envolvidos e o processo educacional partia dessas necessidades, com várias formas e jeitos de se ensinar sendo, então, flexível buscando a emancipação e a transformação.

Percebe-se que a Economia Solidária também considera o indivíduo e suas peculiaridades para que assim, como Paulo Freire (1981) afirma, o indivíduo possa tornar-se emancipado e dono de seu próprio ser. Essa consideração leva a pensar se é possível utilizar esses pressupostos para a criação de um método crítico para uma implantação mais efetiva da Economia Solidária tanto em projetos acadêmicos quanto em projetos desenvolvidos por órgãos públicos.

Em suma, a educação crítica para adultos nos dizeres de Paulo Freire aproxima-se do que é proposto pelos projetos que abordam a Economia Solidária, desde a consideração do indivíduo, até atingir as finalidades das diretrizes técnicas que uma associação ou uma alfabetização precisam para se consolidarem. Em ambos os contextos a educação faz-se necessária, e quando a educação torna-se um fator emancipatório, crítico e libertador, o processo tende a obter mais chances de sucesso e longevidade, porque vai contar com indivíduos pensantes e críticos, capazes de transformarem a sua realidade e a realidade das pessoas em volta.

Tomando esses dizeres como ponto de partida para um possível desenvolvimento de uma metodologia social crítica, a seguinte reflexão é deixada por este trabalho: “A estruturação científica de uma metodologia social crítica para projetos que abordam a Economia Solidária baseada em Paulo Freire e seus escritos, tornaria a inserção de projetos de extensão mais efetiva e possibilitaria a criação de uma tecnologia social?”.

Referências

ADAMS, T. et al. **Tecnologia social e economia solidária: desafios educativos**. Revista Diálogo, n. 18, p. 13 – 35. Jan./Jun. 2011.

CARVALHO, R. A. A. de; PIRES, S. D. **Em busca de novas solidariedades: os empreendimentos da economia social em questão**. Soc. estado. v.16, n.1-2, Brasília, jun./dez. 2001

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

MACIEL, K. F. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular**. Rev. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MENDONÇA, J. C. A.; RUAS, R.; COSTA, G. P. da. **Estudo da implantação de uma fábrica de sabão ecológico segundo os princípios socio-ambientais**. Revista de Administração da UNIMEP, v.10, n.3, Setembro/Dezembro – 2012.

SINGER, P. **Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário**. Rev. Estudos avançados 18 (51), 3 de julho de 2004.